

MULHER, MÉDICA E ANESTESIOLOGISTA

Liana Azi

- TSA/SBA.
- Corresponsável pelo CET 9101.
- Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia.



Mulher, Médica e Anestesiologista, ou simplesmente, MMA. Este foi o nome de uma campanha da Sociedade de Anestesiologia do Estado da Bahia, disponível no Canal SAEBPLAY no YouTube, em homenagem ao Dia da Mulher, em 2020. Coincidentemente, MMA também é a sigla para Artes Marciais Mistas, que possibilita ao praticante misturar técnicas marciais diversas para se defender ou atacar, ou seja, combinar práticas variadas para ganhar uma luta. Nesta campanha, as anesthesiologistas baianas de diferentes trajetórias repetiam com orgulho: “Sou mulher, médica e anesthesiologista!”. Por trás de cada uma delas, muitas lutas pessoais e diferentes histórias de vida, mas o mesmo amor pela especialidade escolhida. Em 2001, quando escolhi a anesthesiologia como especialidade, não tinha a noção de que ia amar tanto o que faço.

No meu segundo ano de residência, éramos apenas duas mulheres em trinta residentes, e, apesar de sermos minoria, éramos ouvidas e respeitadas. Entretanto, as iniquidades, em uma especialidade majoritariamente masculina, estão presentes em vários aspectos de nossa vida profissional. Talvez, até, em breve, essa realidade tenda a mudar, pois a proporção de mulheres na anesthesiologia vem crescendo, lenta, mas continuamente. Atualmente, segundo a Demografia Médica de 2020, dos 25.484 anesthesiologistas registrados no Conselho Federal de

Medicina, 37,8% são mulheres. Em 2011, essa proporção era de 35,4%. Segundo o mesmo censo de 2020, a média de idade do anesthesiologista brasileiro é de 49,1 anos. Nessa faixa etária, a maior parte das mulheres possuem filhos ainda em idade escolar.

Ser mulher, dentro da especialidade anesthesiologia, decididamente, não é fácil, pois os turnos de trabalho são longos (algumas vezes, exaustivos) e há uma demanda emocional, de conhecimentos profissionais e de reponsabilidade considerável. Os horários de chegada e saída do trabalho, na imensa maioria das vezes, são incompatíveis com os horários da escola infantil ou de suas atividades complementares, e a dinâmica do grupo, às vezes, impossibilita uma licença-maternidade adequada (posso falar com o conhecimento de quem retornou ao trabalho aos 35 dias do pós-parto, mas sustentou a amamentação exclusiva até os 6 meses, extraindo o leite materno durante os intervalos cirúrgicos e enviando de táxi para o bebê).

Hoje, comparo ser mulher, mãe e anesthesista com um equilibrador de pratos. Temos diversos “pratos” a equilibrar, com variadas importâncias: o familiar, o dos amigos, o profissional, o do lazer, o das finanças da casa, e tantos outros... Estamos sempre administrando o movimento de cada um, tentando manter todos os pratos girando com velocidade constante. Só que é impossível dar a mesma atenção a todos os pratos

durante o tempo todo. Então, sempre há um deles querendo parar de girar ou uma vareta ameaçando despencar. Quando percebemos que certo prato vai desabar, nós vamos lá, damos um impulso para que ele retome o curso, e já estamos de olho no prato ao lado que está diminuindo a velocidade. Temos nos tornado exímias equilibristas. O problema é que, talvez, estejamos acrescentando pratos demais à nossa vida. Acreditamos que, se está tudo indo bem, é porque ainda cabe mais um prato a girar. E vamos acrescentando novas demandas... Mas não é que está errado acumular ainda mais pratos; o problema vem quando nos sentimos sufocadas por tantos deles ou quando passamos a dar menor importância a fazer girar o prato principal. Qual? Nós mesmas! Fazer girar o nosso prato pessoal, do autocuidado, incluído aí nossa saúde física, mental, espiritual, social e emocional, não pode, em hipótese alguma, deixar de ser a prioridade, quando tantos outros requerem nossa atenção. Para nos mantermos dentro de uma faixa de segurança, nossas preferências devem ser iguais às do socorrista: primeiro eu, depois minha equipe (família, ou o que julgar importante) e depois a vítima (restante das demandas).

Mas escolher prioridades não é simples. Como mulheres, temos a tendência natural a ser multitarefas e uma capacidade incrível de nos adaptar e acrescentar mais ocupações, tentando dar conta de tudo, da maneira mais satisfatória possível.

Semana passada escutei o podcast “Women in Anesthesiology”, com a Dra. Sarah Shillcutt, anestesista da Universidade de Nebraska, fundadora do movimento “Brave Enough”, que ajuda mulheres médicas a superar o esgotamento, aprender a definir limites da vida profissional e retomar o controle de seu tempo. Nele, ela sugeria estratégias para tentar deixar mais fluida e menos corrida a nossa vida. Uma delas, efetiva e simples, é retirar “pontos de estrangulamento” de nossa rotina (e cada mulher poderá identificar facilmente esses pontos, ao rever um dia normal e o quanto daquilo poderia ter sido delegado a terceiros). Ao diminuir esses pontos, conseguimos ter ganhos rápidos. Uma outra é desenvolver ou estimular o senso de comunidade nos locais de trabalho. Ao se permitir pedir ajuda ou ser ajudada, vão se criando conexões, especialmente com outras mulheres que estão em fase de vida semelhante e passam por desafios parecidos.

Ao refletir sobre sua fala, percebi o quanto essa rede de contatos, que nós mulheres podemos criar ao nosso redor, pode impactar positivamente na dinâmica diária.

Acima de tudo, o mais importante é não perder o nosso senso de identidade enquanto mulheres. Sigamos firmes, priorizando os pratos que realmente nos são caros e, com menos pratos nas varetas, ou com uma ajuda aqui ou ali para ajudar com um ou outro prato, eles não vão ameaçar parar de girar porque teremos o tempo e a atenção necessária para dar a cada um deles.



Referências

1. Dia da Mulher #MMA. Youtube, 08 de março de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_w-SqefPCfQ. Acesso em 02 de outubro de 2022.

2. Demografia Médica no Brasil 2020 / Coordenação de Mário Scheffer; equipe de pesquisa: Alex Cassenote, Alexandre Guerra, Aline Gil Alves Guilloux, Ana Pérola Drulla Brandão, Bruno Alonso Miotto, Cristiane de Jesus Almeida, Jackeline Oliveira Gomes e Renata Alonso Miotto. – São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP; Conselho Federal de Medicina, 2020.

3. Episode 153: Episode Women in Anesthesiology. Entrevistada: Dr Sacha Shillcutt. Apresentador: Jed Wolpaw. Podcast. Anesthesia and Critical Care Reviews and Commentary (ACCRAC), 17 dez, 2019. Acessado em 10 de outubro de 2022.

4. BRAVE ENOUGH. Teaching women work-life control. Disponível em: <https://www.becomebraveenough.com>. Acessado em 15 de outubro de 2022.